

Um almoço em Paris com Manuel Valadares

João Gomes Ferreira

Sou o filho mais novo dos físicos Lídia Salgueiro (1917-2009) e José Gomes Ferreira (1923-1992). Os meus pais iniciaram a sua investigação em física no Laboratório de Física da Faculdade de Ciências sob coordenação de Manuel Valadares, sendo este o supervisor da tese de doutoramento da minha mãe, que defendeu no ano de 1945. A colaboração na investigação entre os três perdurou muito para além da expulsão de Valadares da Universidade de Lisboa em 1947, mantendo-se uma troca epistolar entre amigos, muito em especial sobre os trabalhos de investigação em curso, conselhos sobre diversos assuntos relacionados com a vida do Laboratório de Física e, em particular sobre filatelia, dado que a minha mãe e Valadares partilhavam uma paixão sobre selos a nível mundial que se relacionassem com Física.

A Comissão encarregue deste número especial da Gazeta sobre este grande amigo da minha família, perguntou-me se o tinha conhecido pessoalmente pois estavam a recolher testemunhos daqueles que conheceram Manuel Valadares.

O pouco que posso contribuir é a seguinte: A única memória que tenho dele é de um almoço em Paris em 1972, tendo eu doze anos. Os meus pais deslocaram-se a França por motivos profissionais, e com a sua perspectiva de educação 'extra-muros', fizeram-se acompanhar por mim e pelo meu irmão mais velho.

Não me recordo porquê, mas talvez se deva ao facto de o meu pai e eu sermos apreciadores de boa mesa—comer para a minha mãe era um acto termodinâmico de reposição energética, e o meu irmão seguia-lhe os passos.

Do que bem me recordo, é que o meu pai me levou a esse 'rendez-vous' gastronómico em Paris com o Prof. Valadares, e tive ocasião de consumir o melhor almoço da minha vida. Os meus pais raramente comiam fora e era sempre uma receita económica—o Valadares gostava de coisas finas e foi ele que ditou o restaurante.

Quando cheguei ao inevitável momento da dolorosa—e nessa época, tal como agora, uma boa refeição em Paris era bem dolorosa para a bolsa universitária nacional—o meu pai fez um esforço para oferecer o repasto; afinal do lado dele sempre eram dois.

O Valadares afastou a ideia com um gesto simples, sorriu serenamente para os seus convidados, e disse: “Gomes Ferreira, nem pense nisso. Olhe que eu estou tão velho que até já tenho dinheiro no banco.”



João Gomes Ferreira Professor na NOVA, onde nas últimas décadas tem feito um esforço para que no desenvolvimento nacional o mar seja mais que uma palavra bonita.

Memória de encontros com o Dr. Manuel Valadares

Maria Cândida Araújo

Amsterdã, Julho de 1956

Congresso de Reacções Nucleares

Dois físicos portugueses, de diferentes gerações, encontram-se. Não se conheciam pessoalmente, mas o Dr. Manuel Valadares seguiu a ida do meu marido para a Universidade de Manchester. Sob a orientação de Léon Rosenfeld, colaborador dilecto de Niels Bohr, obteria em Maio de 1955 o grau de Ph. D. em Física Teórica. O contacto com Rosenfeld foi feito pelo Dr. Armando Gibert que em Lisboa se dedicara ao ensino e investigação sob a orientação do Dr. Manuel Valadares. E o interesse deste cientista e exilado português pelo desenvolvimento da Física em Portugal não se limitava a Lisboa!

Do encontro em Amsterdã recordo com particular nitidez a serenidade com que o Dr. Manuel Valadares se referia àqueles que tinham tido intervenção no seu afastamento e a expressão de apreço pelos que continuavam a tentar não deixar morrer a actividade científica na sua Pátria.

Recentemente licenciada e candidata ao ensino da Física e

Química na Escola Secundária, a convivência com a Dr^a Maria Ramos foi uma oportunidade para aprender e reflectir sobre o ensino da Ciência em Portugal com uma cientista da sua creche. Mas era patente o seu sentimento de revolta pela injustiça que a obrigara a juntar-se ao seu marido no exílio, bem como a determinação de não voltar enquanto a situação no País não se alterasse.



O casal Araújo no Congresso de Amsterdã (1956) ladeando Marietje von Rossem, viúva do físico Julius Podolanski (1905-1955) que foi assistente de Léon Rosenfeld (1904-1974), sendo este último o orientador de José Moreira Araújo (1928-2020) no seu doutoramento na Universidade Manchester em 1955 (cortesia da Dr^a Maria Cândida Araújo).

Paris, Julho de 1958

Congresso de Física Nuclear

Volvidos 2 anos, novo encontro e agora em Paris. O casal Valadares convidou-nos para almoçar na sua casa em Saint-Germain-en-Laye. Visita que nos deixou gratas recordações! Tanto para conversar, para ouvir e para contar! Numa quente tarde de Julho passeamos pela antiga e real cidade com os seus imponentes monumentos. E, por contraste, não esqueço o choque com a realidade dos “bidonvilles” onde os emigrantes portugueses se aglomeravam. Mesmo sabendo pela imprensa da sua existência!

Razões familiares e profissionais impediram-me de acompanhar o meu Marido nas suas idas a Orsay, onde o Dr. Manuel Valadares se encontrava numa posição de relevo.

Estas deslocações profissionais permitiram ao meu Marido manter com o Dr. Manuel Valadares as relações científicas, mas também as relações de amizade iniciadas em 1956. Mas eu, mesmo sem possibilidade de novos encontros, nunca deixei de me informar e ouvir com prazer as notícias dos Amigos!

Sobre o documentário “Manuel Valadares – um caso exemplar” António Marques-Pinto

O convite que recebi do professor Augusto dos Santos Fitas, para abordar aspectos do meu documentário sobre o professor Manuel Valadares, colocou-me um desafio em alguma medida parecido com aquele que me foi posto quando a Diana Andringa, então responsável pelo Departamento de Programas de História e Sociedade da RTP, me convidou para fazer aquele trabalho: eu era quase tão ignorante em Física como acerca da personalidade que estava incumbido de tratar, mais dado eu à actividade da rádio-televisão do que à radio-actividade. Por outras palavras: no assunto que aqui me traz, sou mais espectador do que actor.

Jogavam a meu favor, porém, alguns instrumentos que tomo a ousadia de recomendar a quem me lê: a curiosidade, o atrevimento e o interesse pessoal.

O interesse, no meu caso, era profissional; o atrevimento era a condição para avançar; a curiosidade era uma característica de personalidade que não envelheceu em mim e que, julgo eu, me aproxima dos cientistas. E das crianças.

Do “buraco negro” da ignorância em que vivia mergulhado, acerca do que me cabia elaborar, lá fui escapando através de luzes ténues e distantes, mas que traziam novas orientações: testemunhos pessoais, textos publicados, arquivos - o trabalho comum de todo o investigador, enfim, que teria de ser completado com as gravações e a edição audiovisual.

Nada tenho para dizer aqui de novo e, muito menos, de científico. O que posso acrescentar, e que pode merecer alguma curiosidade, são episódios que não integrei no programa produzido e exibido pela RTP – escolho três deles.

1 – A importância do acaso

Das consultas que fiz nos arquivos da PIDE existentes na Torre do Tombo, visto que o professor Valadares foi perseguido politicamente, eu soube que teria havido uma reunião numa casa, na periferia de Paris, em que participou Manuel Valadares. Pelo tempo que passou entretanto, e pela falta de mais informação acerca daquela casa,

a esperança de que viesse por aí alguma informação útil, era escassa, desprezível até, se não fosse a falta de mais matéria, com que me confrontava.

Depois de ter telefonado para embaixadas e particulares, em Portugal e em França, na tentativa de localizar o filho de Manuel Valadares, Manuel Carlos Valadares, consegui o contacto telefónico daquela casa. Liguei, apesar da falta de esperança quanto ao resultado deste esforço. Mas foi ali mesmo que o localizei, por mero acaso, visto que raramente ele lá ia, segundo me disse. Tratava-se afinal de uma casa de férias. Esse contacto proporcionou uma parte fundamental do conteúdo deste trabalho, uma vez que pude entrevistá-lo mais tarde, não ali, mas na sua própria casa onde pudemos registar também pinturas e esculturas do Professor e de sua mulher, Maria de Lourdes Valadares. Dir-se-ia que foi o acaso, portanto, que me valeu onde o meu “método científico” não me dava resposta. Mas, na verdade, este desfecho ocasional não teria ocorrido sem o esforço prévio, da pesquisa. Justiça seja feita, portanto, à Ciência. Quanto à contribuição perversa da polícia política de Salazar, ao apreender uma carta de Manuel Valadares que me levou a este resultado, isso ajudaria a escrever um extenso anedotário que não cabe aqui.

2- Eu e a radioactividade

No meu périplo em Paris e arredores, para recolher testemunhos e informações para o documentário, não podia faltar o registo de um local onde trabalhou Marie Curie. Como se sabe, ela teve uma importância incontornável no percurso pessoal e profissional de Manuel Valadares. M.me Curie tinha o seu escritório nas instalações que constituem actualmente o Musée Curie, e que fica numa rua a que, mais tarde, seria dado o nome dela e do marido, Pierre Curie. Sendo assim, dirigi-me para lá com o operador de imagem a fim de captar a atmosfera desse mítico espaço onde Manuel Valadares foi recebido pela notável cientista, pela primeira vez, em 1930.

Nada de surpreendente nesse gabinete que pode ser encontrado no meu documentário, em publicações da es-